



Nos bastidores de um Webinário da Agrosociobiodiversidade: notas etnográficas dos diálogos entre pesquisadores em tempos de pandemia

Cristiane Tavares Feijó¹

Rumi Regina Kubo²

Irajá Ferreira Antunes³

Resumo

O presente artigo emerge da pesquisa de Pós-Doutorado, então motivada pelos desafios que afloram cotidianamente na esfera científica e na interface política, e conseqüentemente, na sociedade. A ideia principal é contribuir com os estudos e reflexões oriundos da Antropologia da Ciência e da Técnica, no que tange, especificamente, as relações estabelecidas entre os diferentes sistemas de conhecimentos. Para isso, estamos empenhadas(o) em seguir os caminhos da(s) ciência(s) e tecnologia(s), trazendo também como referência as relações construídas desde o Doutorado, entre o período de 2015 a 2019. Neste caminho à Embrapa Clima Temperado, através dos seus projetos no contexto denominado pelas práticas e conhecimentos dos guardiões de sementes crioulas, na conservação da agrobiodiversidade, segurança e soberania alimentar, é o fio condutor para compreendermos as construções, interações, convergências e conflitos no mundo da Ciência e Tecnologia. A partir dos bastidores do primeiro “Webinário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, realizado pela Embrapa Clima Temperado, localizada no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul (RS), buscamos analisar como o processo de construção e organização do Webinário, no contexto do ofício científico e suas diferentes relações, têm interferido direta ou indiretamente nas ações inscritas pelos discursos da conservação da agrobiodiversidade. Pode-se afirmar de antemão que a nossa escrita etnográfica virtual, tem sido afetada pelo entusiasmo dos pesquisadores em aprofundar seus debates, um tanto subversivos, sobre as temáticas da agrossociobiodiversidade, da erosão genética, e dos riscos que se inscreve pela contaminação das sementes tradicionais por transgênicos, em um contexto formulado pela revalidação da ciência na sociedade brasileira. Além disso, pode-se dizer que tais temas em questão ganham uma nova repercussão no interior da Embrapa contribuindo com a ampliação das suas interações entre pesquisadores, instituições, e organizações civis. Acredita-se que na medida em que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), passaram ser ferramentas essenciais no ano de 2020, diante da crise sanitária mundial ocasionada pela COVID-19, o rumo da ciência produzido na Embrapa inscreve-se por novos postulados de uma inteligência coletiva, e uma cosmopolítica local, em defesa das vidas das pessoas, das variedades e espécies de sementes, sejam elas denominadas tradicionais e/ou crioulas.

¹Doutora em Desenvolvimento Rural, e Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Doutora em Antropologia Social, e Docente no Programa Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³Doutor em Agronomia, e Pesquisador na Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, na unidade Embrapa Clima Temperado.

Palavras-chave: Embrapa, agrossobiodiversidade, TICs, cosmopolítica, webinarío

Introdução

No início da década de 1990, relatou Doutor Felipe⁴, uns dos pesquisadores de melhoramento genético da Embrapa Clima Temperado, localizada nos limites do município de Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul (RS), que desde suas inserções em campo para a coleta dos recursos genéticos, percebeu a importância dos(as) agricultores(as) que mantinham suas espécies alimentícias locais. A expedição tecnocientífica ocorreu nos interiores do RS, com a autorização do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético, respeitando o conjunto de regras então orientado pela principal instituição gestora do germoplasma *ex situ*⁵, a Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, comentou o pesquisador (Feijó 2019).

Pode-se dizer que esta iniciativa, pela qual foi formulada a agenda da conservação genética, com o propósito de construir os acervos fitogenéticos na Embrapa, então conservados em Bancos Ativos de Germoplasma (BAG) para alimentar os programas de melhoramento genético, tem sido centro das discussões dos especialistas na instituição. Isso porque, segundo os(as) profissionais entrevistados(as) da Embrapa Clima Temperado, a conservação fitogenética *ex situ* e *in situ/on farm*⁶, deve ser compreendida por um ciclo completo e interdependente, isto é, a conservação dos recursos genéticos terá melhores resultados vitais, quando cientistas e agricultores(as) estreitarem parcerias, para o exercício da proteção e da coevolução da agrobiodiversidade.

Neste emaranhado de relações entre humanos e não humanos, o que está em jogo é o próprio desafio da ciência ocidental produzida na Embrapa, em reaproximar a natureza-cultura-sociedade do ofício agrônomo na instituição. Daí a importância de pensar em espaços de mediações, que proporcionassem os debates sobre os distintos sistemas de conhecimento em questão. Nesse sentido, pode-se dizer que o “Seminário da Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar” foi criado como promotor do estreitamento das relações entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional.

⁴ Optamos por não utilizar o nome verídico dos(as) entrevistados(as) e demais profissionais envolvidos na pesquisa de Pós-Doutorado, a fim de preservá-lo(as) de algum possível constrangimento.

⁵ Segundo Netto (2010), a conservação “*ex situ*” das coleções de germoplasma é uma forma de manter, por meio de distintos métodos, a variabilidade genética da espécie fora do seu habitat natural. Desse modo, a conservação “*ex situ*” pode ser de longo ou médio prazo.

⁶ Conforme Netto (2010), a conservação “*in situ*” é uma coleção de populações de espécies nativas mantidas em seu ambiente natural, possibilitando a contínua evolução e adaptação das espécies ao ambiente.

Este artigo trata de forma preliminar, algumas questões desafiadoras que estão estritamente relacionadas ao tema da agrosociobiodiversidade e todos seus corolários, no contexto das pesquisas, projetos, e ações da maior empresa brasileira de pesquisa agropecuária no Brasil. Queremos dizer que, a partir dos bastidores do primeiro “Webinário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, realizado pela Embrapa Clima Temperado, buscamos analisar como o processo de construção e organização do Webinário, no contexto do ofício científico e suas diferentes relações, têm interferido direta ou indiretamente nas ações inscritas pelos discursos da conservação da agrobiodiversidade.

Neste caso, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) também são fontes analisadas, dada a sua relevância no cotidiano da instituição e dos(as) pesquisadores(as). Além disso, as TICs passaram a ser ferramentas essenciais no ano de 2020, diante da crise sanitária mundial ocasionada pela COVID-19, o que também motivou compreender como as novas normas de distanciamento social têm afetado o saber-fazer dos(as) pesquisadores(as).

Para isso, foi de extrema importância seguir os(as) pesquisadores(as) e profissionais da Embrapa, nos bastidores dos espaços virtuais, construídos para a elaboração do planejamento do “VIII Seminário da Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”. Trata-se do esforço da construção de uma etnografia virtual, cuja descrição e análise são frutos das afetações das comunicações entre nós pesquisadoras da Universidade, e os(as) cientistas e profissionais da Embrapa Clima Temperado, mediados pela tela do computador, e por todas suas instabilidades geradas pelas redes de internet.

O presente artigo foi estruturado a partir da breve descrição introdutória realizada sobre o tema em questão, e por conseguinte a segunda seção, e suas considerações finais, porém, preliminares. Na segunda seção, buscamos trazer um apanhado histórico dos acontecimentos tanto internacional, quanto nacional e local, dada a relevância dos fatos presentes nos discursos e práticas dos(as) cientistas da instituição. Trazemos alguns fatos, conflitos, divergências e convergências para refletir e analisar o novo paradigma que nasce da conservação dos recursos genéticos. A agrosociobiodiversidade como veremos é reconhecida pela relação intrínseca entre a natureza, cultura e humanidade. Além disso, o ciberespaço possibilitará o debate de novos conceitos e trajetórias, reformulando a inteligência coletiva, do contexto que aqui se insere das práticas e conhecimentos dos guardiões de sementes crioulas, na conservação da agrobiodiversidade, segurança e soberania alimentar.

Reestabelecendo conexões: desafios para a (re)construção de uma agrosociobiodiversidade

Se engana quem pensa que a pandemia causada pelo novo Coronavírus, amplamente conhecida por COVID-19, não agravou ou mesmo transformou o saber-fazer científico, e toda sua relação no que toca às questões relativas à produção sustentável de alimentos. A física Vandana Shiva, escreveu recentemente em um artigo publicado por El Salto, no início do mês de abril de 2020, que estamos diante de acontecimentos antropogênicos, ou seja, as epidemias emergentes, assim como as mudanças climáticas são eventos provocados pelas atividades econômicas hegemônicas. Segundo a autora, os próprios cientistas já vêm alertando sobre os problemas acarretados pela manipulação desmoderada de habitats e suas espécies animais e vegetais, acarretando o surgimento de novas doenças, como o vírus Ebola, para citar um dos exemplos (Shiva 2020).

Além desses últimos impactos, não raras são as notícias sobre as catástrofes ambientais e climáticas ocorridas no mundo, as quais são constantemente divulgadas por telejornais, rádios, jornais impressos, internet, entre outras formas. À luz da enxurrada de informações avassaladoras, a produção de conhecimentos e mecanismos fermentam nos mais distintos laboratórios e, pode-se dizer, têm sido o estímulo para novos desafios e descobertas da ciência e tecnologia.

Dentre o universo dos temas discutidos, o uso sustentável dos recursos genéticos para o desenvolvimento da agricultura, em prol da segurança e soberania alimentar de uma nação, nunca deixou de ser uma questão resolvida pelos cientistas, políticos, agricultores, e a sociedade em geral. A série de problemas que surgiram e surgem incessantemente pela tão temida escassez e falta de alimentos, tem como notável, segundo Gomes *et al.* (2013), o ocorrido no período entre guerras e pós-guerras na Europa. Contudo, conforme claramente tem sido observado, os alimentos, fruto dos recursos genéticos e tecnologias, ainda seguem sendo centro das disputas nas mais distintas escalas continentais.

No Brasil a Embrapa tem sido a principal instituição responsável pela instrumentalização tecnológica dos recursos genéticos. Os BAGs, mencionados anteriormente, são apenas um dos instrumentos utilizados pelos cientistas para o desenvolvimento de projetos e tecnologias para a agricultura e sociedade.

A própria instituição foi criada com a justificativa econômica e política, de que era preciso modernizar o campo. Como principal entidade de pesquisa agropecuária, a Embrapa então promotora tecnocientífica de um novo rural brasileiro, parafraseando Almeida (2009),

transformaria a agricultura, setor considerado arcaico, tradicional e atrasado, em um setor moderno, que passaria a contribuir com o crescimento econômico nacional.

Nas palavras do pesquisador Felipe, o cenário da então denominada “Revolução Verde” serviu de base para o conhecimento na formação dos pesquisadores e técnicos da Embrapa. O que de certo modo, fomentou a consolidação dos programas de melhoramento genético destinados a desenvolver novas variedades alimentícias na Embrapa. Tal corrente tecnocientífica transforma-se no carro chefe da instituição, como relataram alguns profissionais da Embrapa.

No entanto, se de um lado, segundo Martín Martínez (2001), a própria aplicação das técnicas modernas para o melhoramento vegetal conduziu a grande perda dos materiais essenciais para o abastecimento dos próprios profissionais fitomelhoradores, por outro lado, pode-se dizer que a solução provinha dos territórios dos povos nativos, tradicionais, camponeses, e agricultores familiares.

Esta contribuição simplesmente alimentará os gélidos bancos ativos de germoplasma da Embrapa, formando diversas coleções órfãos das suas populações agricultoras. Tal agenda tecnocientífica e política internacional, com grandes reflexos nacionais, como vimos e veremos, provém do movimento pela conservação dos recursos genéticos e da agrobiodiversidade. Pode-se então dizer que, esta mobilização é fruto de uma ampla discussão entre distintos representantes da sociedade civil e dos meios científico, técnico e político.

Historicamente, o tema foi, e ainda tem sido, pauta de uma agenda política ampla representada legalmente pela Convenção da Diversidade Biológica (CDB) e pelo Tratado Internacional sobre os Recursos Fitogenéticos para a Alimentação e Agricultura (TIRFAA - FAO). Além disso, vale lembrar que os recursos genéticos também habitam as pautas debatidas nas Conferências do Clima, que já ocorreram pelo mundo, como a atual Conferência da Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas - a COP 26, realizada na Escócia, por exemplo.

Tais acontecimentos internacionais estão na base da agenda dos debates dos(as) cientistas na Embrapa. Como vimos, a própria construção dos BAGs na Embrapa, nasce de uma ampla discussão entre as nações, que passaram evidenciar os males causados pela era hegemônica do crescimento econômico. Podemos dizer que, os instrumentos internacionais, tornam-se protocolos científicos-legais, cuja função também tem sido de orientar a construção e execução de projetos voltados à promoção de bens e serviços para os povos agricultores.

É desta lógica tecnocientífica, mas também política (disputas do poder-saber), que há mais de duas décadas o pesquisador Felipe e colegas estavam voltados, especialmente, na

conservação *ex situ* do germoplasma regional, na Embrapa Clima Temperado, para o desenvolvimento das suas pesquisas, no intuito de gerar produtos agroalimentares. As variedades alimentícias sejam elas denominadas crioulas, tradicionais, ou locais⁷ coletadas, além de fazerem parte do discurso mundial sobre a relevância da criação de bancos institucionais para a sua salvaguarda das sementes, como vimos anteriormente, também foram candidatas a bioprospecção.

Nesse sentido, algumas variedades são utilizadas como base para o melhoramento genético de plantas na Embrapa. Porém, o próprio pesquisador Felipe, afirmou que pouco se utiliza deste material genético nos programas de melhoramento, dada a incrível diversidade que as sementes crioulas apresentam. Como exemplo, a Unidade Demonstrativa (UD) formalizada pelo Sistema de Unidades Demonstrativas de Feijão (SUDF), que passa ser representado pelo *modus operandi* da combinação de cultivares de feijão desenvolvidas em programas de melhoramento genético de órgãos públicos e privados, está no cerne da padronização agroalimentar do mercado capitalista.

Com o propósito de que os(as) agricultores(as) passassem a conhecer e acessar as cultivares então desenvolvidas, em especial, pelo programa de melhoramento genético de feijão da Embrapa Clima Temperado, ainda no início dos anos 1990, foram distribuídas as cultivares da pesquisa, por meio das UD's, comentou o pesquisador Felipe. Porém, afirmou o cientista, que somente em 2005 ao lançar uma pesquisa com a finalidade de obter informações a respeito dos resultados das cultivares no sistema produtivo dos(as) agricultores(as), teve-se o conhecimento que a grande maioria deles(as) além de incorporar uma cultivar do melhoramento genético da Embrapa, também acabavam substituindo a cultivar por suas variedades tradicionais. Foi então que houve um entendimento pelo pesquisador e parceiros(as), que ao mesmo tempo que estes agricultores(as) adotavam uma cultivar da pesquisa, eles(as) deixavam de conservar uma variedade deles(as).

Promovia-se uma erosão genética, afirma o pesquisador Felipe. Foi em 2007 que o cientista, subsidiado pela diversidade de sementes de feijão no banco ativo, fruto também da coleta dos anos 1990, criou a Partitura de Biodiversidade (PBio), como método para sanar algumas deficiências então causadas pelas Unidades Demonstrativas (Feijó 2019).

⁷ O termo semente crioula é recorrente nos discursos dos(as) pesquisadores(as), mas também tem percorrido os distintos universos, sejam eles acadêmicos, organizações sociais, povos agricultores, dentre outros. Porém, outras denominações também são conhecidas como, sementes tradicionais, ou mesmo locais. No entanto, no presente artigo, não será nosso objetivo analisar e aprofundar reflexões sobre os complexos significados que habitam às sementes dos povos agricultores.

Disse o pesquisador Felipe, que foi a partir das PBios que a relação entre os(as) cientistas da Embrapa e os(as) agricultores(as) tornou-se próxima. Se antes ao episódio das Partituras de Biodiversidade, os principais mediadores eram os técnicos dos escritórios regionais da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater) - RS, entre a Embrapa Clima Temperado e os(as) produtores(as), pode-se dizer que, o novo método desenvolvido pelo pesquisador possibilitou a comunicação face-a-face entre os pares envolvidos.

Neste emaranhado de conflitos, das variedades, das cultivares e das readequações tecnocientíficas, no ano de 2008 houve o primeiro encontro organizado pelo pesquisador Felipe e seus(suas) colegas parceiros(as) na Embrapa Clima Temperado, com o propósito de estabelecer o diálogo com organizações do campo e os representantes dos(as) agricultores(as). Tal roteiro das interações entre os distintos sistemas de conhecimento, resultou nas primeiras reflexões sobre quem é o(a) agricultor(a) guardião(ã) de sementes crioulas. No momento do encontro, mencionou o pesquisador Felipe, que vários deles(as) correlacionaram o termo guardião de sementes crioulas às suas práticas cotidianas.

Contudo, podemos dizer o que está em jogo não são os termos e discussões sobre a definição do guardião, mas a construção dos espaços de mediações que permitam o diálogo entre os cientistas e os(as) diversos agricultores(as). Trata-se, parafraseando De La Cadena (2019) da defesa do conhecimento para além da “política étnica”, ou seja, os movimentos dos(as) agricultores(as) indígenas, quilombolas, camponeses, familiares, propõem uma prática política diferente, plural não porque é promovida por corpos marcados por gênero, raça, etnicidade ou sexualidade (como o multiculturalismo entenderia), mas porque evocam não humanos como atores na arena de debates.

Por tanto, foi em meados de 2010 que o pesquisador Felipe em parceria com seus demais colegas, e com o apoio da chefia do centro na época, organizaram o primeiro evento denominado “Seminário Internacional de Sementes Crioulas: o hoje e o amanhã”. Dentre os(as) convidados(as) participantes-palestrantes do encontro presencial, estavam: Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Universidad Nacional de Lomas De Zamora – Argentina; Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria – Argentina; EMATER; Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – RS; União das Associações Comunitárias do Interior de Canguçu (UNAIC) – RS; Agricultores(as) Guardiões(ãs) de Sementes do Nepal, Etiópia, Índia e do Brasil etc.

Apesar do primeiro evento ter sido amplamente acolhido pela Embrapa Clima Temperado, o Seminário Internacional foi um espaço criado para o debate de uma agenda

tecnocientífica internacional sobre a conservação fitogenética. Além disso, o espaço buscou reunir e divulgar os distintos conhecimentos, as práticas e estratégias dos então denominados guardiões e guardiãs de sementes crioulas dos diferentes países presentes. Comentou o pesquisador Felipe, que a partir do Seminário Internacional, perceberam a necessidade de institucionalizar o evento na Embrapa, mas principalmente, de uma agenda de debates que estivesse inclinada com o compromisso de atender as realidades e as necessidades dos guardiões do RS.

Cria-se em 2011 o “I Seminário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, com o objetivo de consolidar um espaço de mediação na Embrapa Clima Temperado, que possibilitasse o debate tanto de uma agenda tecnocientífica e política mundial, na qual a instituição está pautada, quanto com a finalidade de estreitar as relações entre o conhecimento científico e o conhecimento tradicional local e regional, especificamente.

Pode-se dizer que os demais “Seminário(s) de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar” foram marcados por sua engrenagem complexa, desde os conflitos muitas vezes velados na escolha dos nomes, e na realização dos convites aos palestrantes parceiros(as), até a maneira de acolher novos parceiros(as), como os povos indígenas em 2012, que passaram a acessar o espaço e contribuir com as distintas perspectivas na conservação das sementes.

Outro delicado desafio, eram os recursos financeiros angariados para garantir os deslocamentos, hotel, alojamento e alimentação, para os(as) palestrantes e guardiões(ãs). Contudo, até o ano de 2018 os organizadores do Seminário responsabilizaram-se por sua realização e a também pela recepção dos(as) distintos convidados(as), ainda que recebessem o apoio de outros parceiros de longa data, como, por exemplo, a EMATER.

Já no ano seguinte, o Seminário com poucos recursos para a sua realização, reúne-se com a Universidade Federal de Pelotas (UFPeL), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), dentre outras instituições parceiras, para a efetivação do encontro, que passou a ser denominado “Guardiões da Sociobiodiversidade: Sementes Crioulas, Frutas Nativas e Agroflorestas”. O evento foi realizado em novembro de 2019, no auditório da Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel da UFPeL.

Pode-se dizer que o espaço construído não houve êxito. Uma das causas identificadas foram alguns conflitos de ideias e distintas perspectivas institucionais, o que veio a ocasionar certo desconforto entre organizadores(as) e alguns participantes convidados(as). Além disso, foi mencionado por uma representante da UFRGS, que o fator mais melindroso, no que tocava

na interação e integração entre as instituições e seus projetos, era as oscilações políticas que afetavam a Embrapa, como a troca da diretoria da instituição.

Porém, mais do que a tentativa de construir novos emaranhados tecnocientíficos entre as distintas instituições e seus discursos produzidos a partir das temáticas da segurança alimentar, da conservação e da definição teórica dos guardiões de sementes, o que está em jogo é a própria consolidação de um debate entre cientistas e povos agricultores(as) na Embrapa. Tal premissa parte do próprio contexto identificado pela extensão do “laboratório”, das pesquisas de/em campo do pesquisador Felipe (FEIJÓ, 2019), que a cada ano vem empenhando-se em garantir na instituição um espaço de mediação, então reconhecido por uma agenda institucional de pesquisa, mas também política, que dê conta de uma escala interrelacional entre as demandas internacionais, nacionais, locais e territoriais.

Vejam que estamos diante dos fatos históricos que apresentam e representam, a trajetória do pesquisador Felipe e sua equipe de trabalho, em um contexto marcado pelos conflitos tecnocientíficos, de uma agenda hegemônica, das divergências e convergências institucionais, que resultaram na construção do “Seminário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”. Nas palavras de Ingold (2015), estaríamos diante do conhecimento que se define pela própria história das coisas, e identificadas por suas trajetórias de movimento em um campo de relações em desdobramento (Ingold 2015).

Em 2020 antes mesmo do pesquisador Felipe e seus(suas) parceiros(as) cientistas e técnicos da Embrapa Clima Temperado, pudessem realizar um encontro para refletir sobre o encontro coletivo realizado na UFPel, e até mesmo de pensar nos possíveis caminhos que garantissem a realização do próximo “Seminário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, o grave vírus da COVID-19, naquele ano chegou surpreendendo a todos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) passaram a ser as principais ferramentas das interações sociais, no contexto da pandemia da COVID-19 no país.

Subitamente, criaram-se métodos de vivência, e simultaneamente, as atividades profissionais, na sua grande maioria, transformaram-se em trabalho à distância, como o tão mencionado *home office*, a fim de conter a propagação do vírus. Com o isolamento social obrigatório, seguindo os protocolos dos órgãos internacionais e nacionais de saúde, os cientistas também tiveram de readequar suas atividades cotidianas.

No primeiro ano do isolamento físico, comentou o pesquisador Felipe, foi o momento que mais participou da construção dos projetos tanto locais, regionais, e até mesmo nacionais. Os espaços virtuais, disse o cientista, possibilitaram que, por exemplo, o “Projeto de

Conservação *in situ/on farm* de Recursos Genéticos Vegetais e Interação com a Conservação *ex situ*”, liderado por uma pesquisadora da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, de Brasília, criou o corpo e tornou o instrumento principal, da garantia do exercício dos(as) profissionais voltados às questões da conservação *ex situ/in situ*. Segundo ele, como o Brasil havia firmado compromissos internacionais relacionados à problemática dos sistemas de conservação dos recursos genéticos, estava mais do que na hora consolidar o projeto no país, a fim também, de garantir, por meio dos protocolos criados pela instituição, o acesso aos recursos genéticos conservados nos BAGs da Embrapa, pelas organizações dos(as) agricultores(as). Assunto que tem sido debatido há muitos anos.

Nos bastidores, a mediação realizada pela tela do computador, também contribuiu para que o trabalho não fosse rigorosamente desarticulado, uma vez que aos recursos financeiros escassos para a execução das atividades em campo, já vinham desmotivando os(as) parceiros(as) do Projeto “Ações da Rede de Pesquisa em Sementes Crioulas e Agroecológicas do Rio Grande do Sul na inovação social e tecnológica-INOVASOCIAL”. O grande projeto que reúne tanto os(as) cientistas do campo da agroecologia e produção orgânica na Embrapa Clima Temperado, quanto os movimentos sociais do campo, como a Cooperativa Mista dos Fumicultores do Brasil LTDA – (Cooperfumos), também nomeada pelo Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), e a BioNatur, conhecida por ser a cooperativa de agricultores(as) assentados(as) pela Reforma Agrária, foram presenças virtuais essenciais para a construção de uma agenda territorial, e de debate do primeiro Webinário representado pelo “VIII Seminário de Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”.

A primeira reunião virtual para discutir sobre os temas e possíveis palestrantes para o primeiro Webinário de “Agrobiodiversidade e Segurança Alimentar”, ocorreu ainda em meados do mês de julho do presente ano. Dentre os cinco encontros organizados para a construção do Webinário, nem todos os(as) parceiros(as) puderam estar presentes nas manhãs das sextas-feiras, por motivos, segundo eles(elas), no choque de atividades cotidianas. Porém, notou-se que o pesquisador Felipe, o principal entusiasta do evento, o pesquisador Francisco, seu colega de sala e parceiro de alguns projetos, o pesquisador Roberto, especialmente, estiveram presentes em todos os encontros, dada às suas responsabilidades da organização.

O ciberespaço foi marcado pelas vozes dos pesquisadores, pesquisadoras, e a técnica da Embrapa Clima Temperado, mas também, pelo técnico representante da EMATER – escritório regional de Pelotas (RS), por professores(as) da UFPel, e representantes da Bionatur e MPA. Nos dias em que ocorreram as discussões para a seleção dos(as) palestrantes e temas, o

pesquisador Felipe introduzia o assunto, com o apoio do pesquisador Roberto, responsável pela transmissão simultânea na tela do computador um documento no formato *Word*, contendo alguns eixos temáticos. Os encontros foram realizados na sala virtual, criada no *Google Meet*, pelos organizadores.

Na medida em que o pesquisador Felipe solicitava que os(as) parceiros(as) do evento e de seus projetos de pesquisa, indicassem possíveis nomes para a representação de cada um dos quatro módulos, assim estruturados para as apresentações que iriam ocorrer nos quatro dias de evento, levantou-se algumas questões como: o papel das benzedadeiras e o uso das plantas medicinais atualmente; o sistema produtivo das sementes crioulas, compartilhado com a criação de animais domésticos crioulos; os distintos conhecimentos e rituais de proteção e conservação das sementes crioulas, etc.

Desse modo, em relação às temáticas que iriam representar cada módulo, foram formuladas previamente entre os pesquisadores principais da organização, e assim apresentadas posteriormente para consulta aos parceiros(as). Ainda no primeiro dia de debate entre as vinte pessoas presentes virtualmente, não houve objeção a nenhum tópico em destaque.

Sendo assim, a programação ficou dividida, conforme segue descrito os seguintes módulos: 1) O cenário atual da produção, comercialização e legislação das variedades crioulas; 2) O cenário atual e potencial de uso das variedades crioulas; 3) As relações atuais e futuras da conservação *ex situ* com a conservação *in situ/on farm*; e 4) A sucessão do guardião de sementes e seus possíveis impactos sobre a conservação *in situ/on farm*. Para cada eixo temático, foi estipulado que a contribuição dos(as) palestrantes deveria estar representado pelos segmentos: 1) proposto por uma visão mais abrangente sobre a temática em questão; 2) um(a) representante da perspectiva acadêmica; e 3) representantes da agricultura familiar/campesina/indígena/quilombola.

Além disso, foi mencionado a preocupação de buscar atrair um público que estivesse voltado aos temas então abordados no Seminário, tentando evitar, nas palavras da analista de comunicação Renata, “pessoas caça certificados”. Outro fator relevante, foi a organização do tempo estimado para cada apresentação, já que o evento deveria ocorrer conforme o prazo planejado, dentro de um período pago para a transmissão *on-line* por meio da plataforma do *YouTube*.

O pesquisador Felipe, também reforçou que toda “mesa temática” deveria ser composta por no mínimo um guardião ou uma guardiã de sementes, uma vez que o evento foi criado, essencialmente, como um espaço para acolher as falas e práticas dos povos agricultores

guardiões. Outro ponto a ser destacado, foi o momento em que o mesmo pesquisador ressaltou que era importante abordar entre as temáticas do Seminário, estratégias de mercado e comercialização das sementes crioulas. A defesa desta proposta, soou como um compromisso de atender as necessidades dos representantes quilombolas, já que o cientista havia sido questionado, de certo modo, por uma liderança sobre tal necessidade.

Também houve adeptos na defesa de convidar os(as) palestrantes dos países vizinhos como o Uruguai e Argentina, pois como argumentou o pesquisador Marcos, seria o momento certo para reforçar a parceria entre a Embrapa e os colegas dos países vizinhos. Já a pesquisadora Fernanda, lembrou do mal-estar causado no evento em 2019 aos participantes indígenas. Segundo a cientista o Seminário organizado seria o momento ideal de garantir o convite e a participação dos indígenas no evento, o que segundo ela asseguraria que o espaço fosse amplamente democrático.

Compreendemos desse modo, que a possibilidade da construção dos espaços dinâmicos, sejam eles virtuais ou não, ainda que temporários na instituição, junto aos povos agricultores, têm contribuído não só para a democratização dos espaços de pesquisa da Embrapa e no reconhecimento de outros sistemas de conhecimentos, mas também, na fomentação do diálogo entre as pessoas que são afetadas pelas políticas públicas e as que aplicam (Feijó 2019). O próprio ciberespaço construído pode ser compreendido pela relação entre os códigos de linguagens e o conjunto de práticas envolvidas nas diversas formas de proteger, de conceber os diversos significados e as entidades que habitam as sementes crioulas/tradicionais/locais.

Ademais, os bastidores do Webinário assim representado ou mesmo apresentado pelo ciberespaço, parafraseando Lévy (2015, p. 62) torna-se “um meio de exploração dos problemas, de discussão pluralista, de evidência de processos complexos, de tomada de decisão coletiva e de avaliação dos resultados o mais próximo possível das comunidades envolvidas”. Em outras palavras, o espaço do Seminário, metaforicamente falando, é atribuído à prática ritual, como uma outra proposta institucional para a legalização (a sua institucionalização), e mesmo o enraizamento, de uma vertente científica contra hegemônica.

Acreditamos que, frente aos diversos desafios enfrentados pelos cientistas, os espaços virtuais e físicos de interatividades produzidos pelos encontros entre a(s) ciência(s) e a sociedade em geral, possibilitam a criação de novas estratégias metodológicas. Gomes e Medeiros (2009) ao realizarem uma breve crítica sobre trajetória histórica da prática científica, propõem alternativas epistemológicas e metodológicas para a pesquisa agropecuária. As iniciativas de cunho emergente epistemológico como prática, segundo os autores, ocorreram na

Estação Experimental da Cascata, da Embrapa Clima Temperado, cujas ações foram fundamentadas na interdisciplinaridade, multi-institucionalidade, no reconhecimento do saber dos agricultores, e na utilização de metodologias embasadas em pesquisas participativas. Tais exercícios nos permitem pensar como as instituições e suas práticas científicas têm criado espaços dialógicos entre elas e a sociedade.

Também por este motivo, e pelas trajetórias que se emaranham como um verdadeiro micélio, metaforicamente falando, que a agrosociobiodiversidade é estabelecida e redefinida, sendo capaz de reunir distintas perspectivas. Pode-se dizer que a agrosociobiodiversidade formaliza-se por meio, do que tem se definido por inteligência coletiva, cujo objetivo parafraseando Lévy (2015: 29) “são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas”.

No entanto, mais que os riscos de contaminação por transgênicos, da erosão genética, da insegurança alimentar, o que está em pauta é a privatização e privação da agrosociobiodiversidade. O próprio pesquisador Felipe em meio as suas teses e práticas, disse que seria o momento de trazer, à título de conhecimento, para os povos agricultores então parceiros, um palestrante que poderia fomentar o debate e reflexões sobre “Os Direitos da Natureza”.

Segundo Acosta (2016), o “Direito da Natureza” é fonte das filosofias e práticas nativas dos povos nativos e amazônicos. Sintetizando as complexas ontologias dos povos indígenas, trata-se de uma quebra de paradigmas da colonização hegemônica do poder e saber, para o reconhecimento das relações das comunidades enquanto seres intrínsecos da Natureza. Segundo o autor, compreender a Natureza enquanto sujeito de direitos propõe descolonizar as práticas antropocêntricas, ou seja, significa garantir e defender os próprios direitos das comunidades, das pessoas.

Nesse sentido, percebemos em meio a mediação da tela do computador, que os povos agricultores têm contribuído com novos paradigmas na Embrapa Clima Temperado, no que se refere a reaproximação da natureza-cultura-sociedade, a partir dos discursos e práticas do ofício agrônomo na instituição. Além disso, destacamos que um dos efeitos das tecnologias da informação na organização do Webinário, foi a construção de encontros virtuais, que possibilitou reunir distintos profissionais, reformulando novos debates e conceitos a partir das trajetórias dos(as) cientistas, professores(as) acadêmicos(as) e técnicos(as) presentes.

Isto significa dizer que, o rumo da ciência produzido na Embrapa inscreve-se por novos postulados de uma inteligência coletiva, e uma cosmopolítica local, em defesa das vidas das pessoas, das suas variedades e espécies de sementes, sejam elas denominadas crioulas,

tradicionais e locais. Se de um lado os(as) profissionais da Embrapa Clima Temperado estão amparados pelos discursos e conflitos globais, como vimos anteriormente, por outro lado, é possível considerar que o choque de perspectivas de certo modo, propõe uma nova agenda do cumprimento das necessidades locais, territoriais e até regionais, para efeito da programação construída do Webinário.

Em outras palavras, a cosmopolítica nasce no instante em que, segundo De La Cadena (2019), o problema cultural em relação a modernidade, deve ser levado para um plano diferente, ou seja, para o momento político que criou a divisão ontológica entre os humanos e a natureza, cuja ideia da divisão promoveu a classificação de outros mundos socionaturais. Assim, cria-se a política como um assunto humano isento à natureza e delimitado à representação científica. Nesse caso, estaríamos diante de uma relação entre mundos (de la Cadena 2019).

Em suma, a pluralidade epistêmica, cultural, política, ou mesmo a própria lógica das relações entre os mundos, organizadas a partir dos bastidores que antecederam o Webinário, buscou promover o encontro e o debate entre os(as) representantes: do MPA; da BioNatur; da Terra Indígena do Guarita (RS); do Quilombo Vó Marinha do município de Tavares (RS); da Sementes da Paixão – Paraíba; Escolas Técnica de Canguçu (ETEC) (RS); do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA); da UFPEL; da UNAIC; da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), dentre outros(as).

Considerações finais

Aos leitores e aos profissionais que virão a trabalhar (ou mesmo àqueles(as) que já trabalham) com a temática da conservação dos recursos genéticos e suas relações produzidas entre os diferentes sistemas de conhecimentos, buscamos trazer à tona parte do emaranhado de um grande micélio que se reproduz e se transforma, conforme cada trajetória de vida e dos discursos envolvidos entre pessoas e não humanos. Reforçamos que, não foi a nossa intenção trazer respostas sobre o processo de construção e organização do Webinário, no contexto do ofício científico da Embrapa. Porém, tivemos mobilizados em introduzir reflexões iniciais interdisciplinares, e de certo modo problematizar os encontros virtuais, a partir das referências e estudos decolônias.

Além disso, buscamos destacar alguns acontecimentos que antecedem a construção do Webinário, e como eles passaram a habitar novos discursos da agrobiodiversidade para agrosociobiodiversidade. As TICs, ou melhor, o computador e a internet, então representados pelo ciberespaço, tem promovido uma espécie de novo paradigma da conservação dos recursos

genéticos, ou seja, por meio da construção da inteligência coletiva podemos perceber o nascimento de um novo encontro entre os mundos.

Em suma, os dilemas modernos aparecem reformulados pela cosmopolítica, possibilitando a criação de novas estratégias metodológicas na instituição. Contudo, sabemos, por outro lado, que o ciberespaço pode representar um risco tecnocientífico, social e ambiental, na medida em que os encontros sejam definidos apenas por e entre cientistas. Corre-se o risco de legitimar e reforçar práticas antropogênicas e colonialistas. Porém, não fica dúvida que caberá em um outro momento aprofundar questões que ficaram abertas, tais como o entendimento sobre o próprio efeito do Webnário nos discursos e práticas produzidos pela política pluriversal ou cosmopolítica.

Referências

ACOSTA, A. 2016. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante.

ALMEIDA, J. 2009. Da ideologia do progresso à ideia de desenvolvimento (rural) sustentável. In: ALMEIDA, Jalcione e NAVARRO, Zander. *Reconstruindo a agricultura: ideias e ideias na perspectiva rural sustentável*. Porto Alegre, 3ª ed. p. 33-55.

DE LA CADENA, M. 2019. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. *Maloca*, Revista de Estudos Indígenas, 2: 1-37.

FEIJÓ, C. T. 2019. *A Arca de Noé: diálogos sobre conservação entre ciência e povos indígenas*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

GOMES, J. C. C; MEDEIROS, C. A. B. 2009. Bases epistemológicas para a ação e pesquisa em agroecologia: da ciência eficiente à ciência relevante. In: *Ciência como instrumento de inclusão social*. / editores técnicos, Ivan Sergio Freire de Sousa, José Renato Figueira Cabral. – Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica.

GOMES, M. B da N; CARVALHO, A.L.T; OLIVEIRA, C. S. C; PIMENTA, I. D. 2013. *Guerra, alimento e poder: a problemática da segurança alimentar e nutricional em situações de conflito*. Disponível em: <http://www.sinus.org.br/2013/wp-content/uploads/2013/03/1.-FAO-Artigo.pdf> . Acesso em: 12 de outubro de 2020.

INGOLD, T. 2015. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes.

LÉVY, Pierre. 2015. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. Pierry Lévy; tradução Luiz Paulo Rouanet. --10. ed. -- São Paulo: Edições Loyola.

MARTÍN MARTÍNEZ, I. 2001. *Conservación de recursos fitogenéticos*. Madrid: Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, Secretaria General de Estructuras,.

NETTO, D. A. M. 2010. *Coleção de base e coleção ativa: banco de germoplasma de sorgo*. Sete Lagoas: Embrapa Milho e Sorgo.

SHIVA, V. 2020. Un virus, la humanidad y la tierra: ¿Qué lecciones podemos aprender gracias al coronavirus sobre nuestra especie humana, los paradigmas económicos y tecnológicos dominantes y la tierra? *El Salto*. Disponível em: <<https://www.elsaltodiario.com/el-rumor-de-las-multitudes/un-virus-la-humanidad-y-la-tierra>>. Acesso em: 05 out. 2021.